

**A DESCRIÇÃO COMO FERRAMENTA FUNDAMENTAL PARA UMA BOA
COMUNICAÇÃO**

Sérgio Brasil Fernandes¹

RESUMO

A descrição é um dos principais modos de organização do discurso, pois é por intermédio dela que se adquire a base fundamental para bem utilizar outras formas de organizar a redação de um texto. A descrição viabiliza a possibilidade de as pessoas terem a noção particular e individual sobre si mesmas e sobre tudo o que as envolve. Enfatiza-se que a construção das imagens que constituem o mundo em que vivemos ocorre através dos cinco sentidos (visão, audição, olfato, paladar e tato) e da imaginação criadora do ser humano. Explicitar todos esses aspectos fomentou a elaboração deste estudo que tem por objetivo demonstrar a importância da descrição como ferramenta fundamental para uma boa comunicação. Para isso, utilizou-se a pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa como metodologia neste trabalho que se caracteriza como um estudo exploratório. Do referencial teórico que embasou o trabalho, cabe ressaltar que a descrição é a forma mais natural no ser humano de produzir um texto porque os instrumentos do descrever, ou seja, os sentidos humanos, já estão em nós e constituem os elementos vitais da nossa sensibilidade (AMARAL; ANTÔNIO; PATROCÍNIO, 2001). Neste estudo, por meio da análise de diversos tipos de texto, são identificadas técnicas descritivas e formas de influência exercidas pela descrição nos modos de organização do discurso narrativo e argumentativo. Em síntese, é preciso priorizar o estudo da descrição como modo de organização do discurso essencial para a obtenção de conhecimento de mundo e para a realização de uma comunicação precisa e eficaz.

Palavras-chave: Descrição. Cinco sentidos. Imaginação criadora.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, enfatiza-se a descrição porque ao ser humano é natural apropriar-se dela, pois por meio dos cinco sentidos (visão, tato, audição, paladar e olfato) percebemos tudo a nossa volta, traduzido em formas, cores, texturas, cheiros, sonoridades; e aliados à imaginação criadora do homem tornam o mundo acessível ao conhecimento de todos.

Ressalta-se que, em princípio, tudo o que nos cerca pode ser descrito. Porém, é notório que cada indivíduo tem uma percepção de mundo própria, de acordo com a “bagagem cultural” e o “conhecimento de mundo” adquiridos durante a vida.

Por isso, justifica-se a elaboração deste trabalho que tem por objetivo, inserido em um tema amplo, “Os Modos de Organização do Discurso”, demonstrar a importância da descrição como ferramenta fundamental para uma boa comunicação.

A fim de atingir esse objetivo, diversos textos selecionados são analisados de modo a destacar as técnicas descritivas utilizadas por alguns autores e a entender a finalidade com que foram escritos.

Além disso, pretende-se mostrar que o modo descritivo de organizar o discurso é privilegiado, neste estudo, porque proporciona ao autor de textos utilizá-lo como descrição pura para nomear, identificar, localizar, situar e qualificar; como forma de inserir elementos descritivos na narração; e como argumento, a fim de persuadir o interlocutor em textos argumentativos. Portanto, a descrição pura pode funcionar como modo básico para realizar uma boa comunicação, enquanto que inserida em narrações ou em argumentações tende a ser um coadjuvante de relevante importância.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A necessidade de interação do homem com o mundo e com os elementos que o compõem obriga-o a utilizar várias formas de linguagens para entender e estabelecer a comunicação. Essa relação ocorre de muitas formas: pela fala, pela

escrita, pelo gestual, pelas artes (música, dança, pintura, escultura, teatro, literatura e cinema).

Nesse contexto, aborda-se a descrição como modo de organização o discurso capaz de possibilitar essa comunicação e aperfeiçoar as diversas formas de realizarmos essa interação.

Em virtude disso, faz-se necessário ter clareza sobre o que é a descrição e o que ela pode trazer de benefícios para o ser humano que sabe reconhecê-la e utilizá-la no dia a dia.

Para tanto, este estudo apresenta, primeiramente, a conceituação desse modo de discurso dada por Garcia (2002, p. 246):

Descrição é a apresentação verbal de um objeto, ser, coisa, paisagem [...], através da indicação dos seus aspectos mais característicos, dos seus traços predominantes, dispostos de tal forma e em tal ordem [...], que do conjunto deles resulte uma impressão singularizante da coisa descrita, isto é, do *quadro*, que é a *matéria* da descrição.

Nessa mesma linha de pensamento, Marchione (2001, p. 136) define a descrição como a “representação verbal de objetos, pessoas e lugares, mediante indicação de aspectos característicos”. Infante (2006, p. 136), por sua vez, diz que o ato de descrever é: “Utilizar a linguagem verbal para construir **imagens** que representam seres, objetos ou cenas é assumir a atitude lingüística da **descrição**.”² Por fim, de acordo com Pauliukonis (2001), o conceito de descrição engloba aspectos que se referem à enumeração de características que especificam um objeto, um lugar, personagens, acontecimentos, tendo em vista uma denominação e uma definição.

Martins; Zilberknop (1997, p. 96) vão além desses conceitos, quando afirmam: “A descrição, ao contrário da narrativa, não supõe ação. É uma estrutura pictórica, onde os aspectos sensoriais predominam.” Ou seja, as autoras reconhecem os sentidos humanos como fatores essenciais à descrição, mas entendem-na como um modo estático, sem movimento.

Esses(as) autores(as), basicamente, restringem suas abordagens à representação verbal e à enumeração de características do objeto a ser descrito. Em virtude disso e por apresentar uma visão um pouco mais ampliada, é possível ressaltar que:

A descrição é uma espécie de retrato verbal de pessoas, objetos, sentimentos, cenas ou ambientes de modo que o leitor quase o possa visualizar e sentir. Mas, enquanto uma fotografia apresenta o objeto de uma só vez, a descrição apresenta-o progressivamente, detalhe por detalhe, e leva o leitor a combinar as impressões para formar uma imagem unificada. (PEREIRA; PINILLA, 2007, p. 142).

Cabe destacar que, em relação a essas abordagens, Amaral; Antônio; Patrocínio (2001) apresentam um enfoque mais abrangente e coerente sobre o tema, quando afirmam que a descrição é a forma mais natural no ser humano de produzir um texto porque os instrumentos do descrever, ou seja, os sentidos humanos, já estão em nós e constituem os elementos vitais da nossa sensibilidade que aliados à nossa imaginação criadora possibilitam a descrição de tudo o que há de concreto ou abstrato no universo.

É a partir dessa ótica que, neste trabalho, são apresentadas as análises de textos ou de trechos de textos descritivos. Nestas análises, consideram-se aspectos relevantes: o sujeito percebido, o objeto percebido, os sentidos humanos e a imaginação criadora.

3 METODOLOGIA

O trabalho apresenta a análise de fragmentos textuais e/ou textos que foram selecionados com o intuito de explicitar, didaticamente, o objetivo a que cada um deles se destina. Essa seleção de textos, onde a descrição é ressaltada, considerou autores consagrados da literatura brasileira e portuguesa e autores não renomados que publicaram textos em livros didáticos, infantis, romances, jornais, revistas e dicionários.

Quanto à leitura do material bibliográfico utilizado para a realização deste estudo, adotaram-se as orientações propostas por Gil (2002): a leitura exploratória cujo objetivo é verificar e definir as obras que realmente interessam à pesquisa; a leitura seletiva que visa a separar o que de melhor se enquadra ao estudo; a leitura analítica que orienta a ordenação das informações, de modo que a atender ao que o pesquisador se propõe; e a leitura interpretativa que é a mais complexa, pois relaciona o que o pesquisador afirma com o problema para o qual propôs a solução.

A seleção dos textos é uma característica da pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa. Essa metodologia foi empregada com a finalidade de escolher textos que possibilitassem a realização das análises, de forma a explorá-los no sentido de destacar aspectos gerais e detalhes específicos da descrição.

Portanto, utilizou-se a pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa como metodologia neste trabalho que se caracteriza como um estudo exploratório.

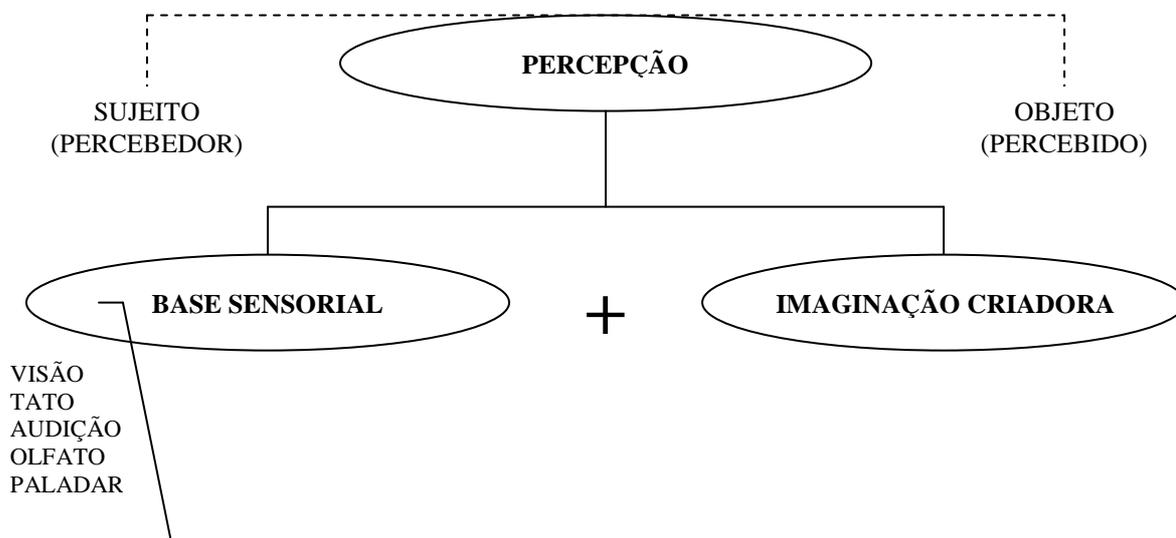
4 DESCRIÇÃO: PURA, INSERIDA NA NARRAÇÃO E NA ARGUMENTAÇÃO

A descrição é o modo de organização do discurso que se caracteriza pela enumeração de elementos que compõem uma paisagem, uma pessoa, um objeto, um fato e tem por objetivo definir e denominar aquilo que se descreve.

Para se obter uma boa descrição é essencial desenvolver a capacidade de observar, captando os traços que tornam o item descrito único. Pois, às vezes, por causa da dificuldade ou da impossibilidade de citar todas as características de um objeto ou de um ser, por exemplo, é necessário, além de uma boa observação daquilo que se deseja descrever, fazer uma seleção dos itens principais, aquelas características que vão propiciar ao interlocutor o entendimento daquilo que é descrito.

Há muitas maneiras de se realizar uma descrição. É possível caracterizar uma cena, um estado, um movimento vivido ou sonhado, por meio de nossa base sensorial e nossa imaginação criadora.

ESQUEMA DA DESCRIÇÃO



Fonte: Adaptado de (AMARAL; ANTÔNIO; PATROCÍNIO, 2001, p. 20)

A imaginação criadora do homem e os cinco sentidos: visão, tato, audição, olfato e paladar são os alicerces da descrição. Por intermédio deles, podemos empregar técnicas descritivas variadas que serão apresentadas, neste estudo, em descrições puras ou inseridas em textos escritos nos modos de organização do discurso narrativo e argumentativo.

4.1 A DESCRIÇÃO PURA

A descrição pura pode, de acordo com o ponto de vista mental, apresentar-se de duas formas: objetiva (expressionista) ou subjetiva (impressionista).

A descrição objetiva apresenta o objeto descrito como realmente é, ou aparenta ser tanto para o emissor (sujeito percebido) quanto para o receptor.

A descrição subjetiva depende do juízo de valor do sujeito percebido, há certa dose de sentimento, de emoção por parte do descritor.

Ana Maria tem 1,70 de altura, pesa 65 quilos, cabelos castanhos escuros, ondulados e até a cintura, olhos esverdeados, pele alva, sorriso franco e voz suave. É carinhosa, tranquila, humilde sem ser submissa, corajosa, batalhadora e amável. (FERNANDES, 2011)

Nesse texto, elaborado com intuito de exemplificar as duas formas de descrição, verifica-se com clareza os aspectos relativos à descrição objetiva, ou seja, detalhes que podem ser observados por escritor/leitor ou falante/ouvinte. É concreto, é consenso; todos podem confirmar: “Ana Maria tem 1,70 de altura, pesa 65 quilos, cabelos castanhos escuros, ondulados e até a cintura, olhos esverdeados, pele alva, [...]”.

A seguir são relacionadas características que revelam detalhes que exprimem o pensamento individual do autor, isto é, reflete o juízo de valor dele: “[...] sorriso franco e voz suave. É carinhosa, tranquila, humilde sem ser submissa, corajosa, batalhadora e amável.” Ou seja, são características que podem ser latentes para o sujeito percebido, mas dá a possibilidade de discordância de quem recebe a mensagem, por exemplo: para Fernandes, o sorriso de Ana Maria é franco. Porém pode ser “falso”; ou “fingido”; ou “espontâneo”; ou “contagante”; para outras pessoas que conhecem a pessoa descrita.

4.1.1 Criando uma obra de arte

MUROS

1

O pintor de olho vertical
Olha fixamente para o muro
Descobre pouco a pouco
Uma perna um braço um tronco
A cara de uma mulher
Uma floresta um peixe uma cidade
Uma constelação um navio.

Muro, nuvem do pintor.

(MENDES, 1994, p. 278)

Nesse poema, onde o tema é o ato da criação da obra de arte, Murilo Mendes, motivado pela sua sensibilidade, nos apresenta um pintor que vai

percebendo vários elementos que aparecem no muro “[...] / Uma perna um braço um olho / A cara de uma mulher / [...]”.

A falta de vírgulas e de outros sinais de pontuação, a estrutura enumerativa, a ausência total de verbos, a partir do quarto verso, assim como a perspectiva visual do pintor diante do muro, mostram o fluxo da imaginação criadora de forma descritiva. A ação do pintor fica em segundo plano diante da descrição do ato de pintar.

No último verso, metaforicamente, nuvem e muro se equivalem, pois na visão do pintor, um muro é como uma nuvem para nós, na medida em que nela vemos o que ele vê num simples muro: formas, contornos, cores, seres e objetos.

Olhar para as coisas reinventando seus contornos, suas formas e cores é uma das finalidades da descrição, é um permanente aprendizado das coisas do mundo e uma constante necessidade do homem em exercer sua capacidade de percepção e imaginação.

4.1.2 Definindo objetos

Automóvel, [...] s. m. veículo que se move mecanicamente, acionado, geralmente, por motor de explosão. (do grego *autos* + latim *mobile*). [...] Telefone, s. m. aparelho que serve para transmitir a palavra a grandes distâncias. (do grego *tele* + *phone*). (FERNANDES, 1993, p. 153 e 664)

Nessas descrições, obtidas no Dicionário Brasileiro Globo, há uma definição particular de cada um dos objetos. São substantivos, nomes que são internalizados pelas pessoas, por meio de estudos escolares, de ensinamentos da família, do convívio social, dentre outros, e quando são citados em atos de comunicação orais ou escritos, têm suas características gerais facilmente afloradas na mente humana.

A descrição desses dois objetos é objetiva, ou seja, não exprime emoção, apenas defini-os. Sua função esgota-se em si mesma. Portanto, constitui-se em descrição pura.

4.2 A DESCRIÇÃO INSERIDA NA NARRAÇÃO

Para a narração é essencial a descrição de elementos que fazem parte da história, tais como: personagens, ambientes e transcurso de fatos.

A descrição é importante aliada da narração, pois a introdução desses elementos descritos ajuda a criar um contexto bem definido e verossímil para atrair a atenção do leitor.

Quando a especificação de características e atributos de uma personagem, por exemplo, interrompe a narrativa, a fim de que o leitor possa identificá-la, diz-se que a descrição está a serviço da narração.

Algumas técnicas descritivas usadas para caracterizar elementos importantes para a narração de boas histórias serão mostradas a seguir.

4.2.1 Construindo imagens

Frederico Paciência era aquela solidariedade escandalosa. Trazia nos olhos grandes bem pretos, na boca larga, na musculatura quadrada da peitaria, em principal nas mãos enormes, uma franqueza, uma saúde, uma ausência rija de segundas intenções. E aquela cabeloça pesada, quase azul, numa desordem crespa. Filho de português e de carioca. Não era beleza, era vitória. Ficava impossível a gente não querer bem ele, não concordar com o que ele falava. (ANDRADE, 1993, p. 80)

Nesse trecho, do conto “Frederico Paciência”, incluído no livro “Contos Novos”, de Mário de Andrade, o autor apresenta as características físicas e psicológicas da personagem na narrativa.

Na descrição física, o escritor apresenta as características aparentes na fisionomia da personagem “[...] olhos grandes bem pretos, na boca larga, na musculatura quadrada na peitaria, em principal nas mãos enormes, [...]”. É mais que fotografá-lo ou fazer um retrato, é construir uma imagem com as características físicas, a fim tornar verossímil a figura da personagem para o leitor.

Na descrição psicológica, Mário de Andrade expõe aquelas características que ele acredita que expressem a personalidade de Frederico Paciência “[...] aquela solidariedade escandalosa [...] uma franqueza, uma saúde, uma ausência rija de segundas intenções [...]”. Dessa forma, o escritor possibilita ao leitor entender as atitudes que a personagem venha a ter durante o transcurso da narrativa.

Observa-se que o autor emprega o pretérito imperfeito do indicativo “era”, “Trazia”, “Ficava”, “falava”, nesse fragmento do conto, pois a descrição está a serviço do modo narrativo de organização do discurso.

“Baixinho é bom porque você leva no bolso” ou “amostra”, “gnomo”, “degrau”, “mascote” [...] Que gente mais sem imaginação! Em uma semana, todas as brincadeiras e apelidos de que os baixinhos são alvo já tinham se repetido na escola nova. Em lugar de se irritar, Daniel abria um sorriso desarmado, como quem diz: “Fala outra, que essa eu já conheço”. Com isso, conquistou simpatias imediatas – pelo menos à volta da sexta fileira, onde se sentava. Ricardo, Alicia, Ale e Josué logo se enturmaram com ele. (VIEIRA, 2002, p. 28)

Nesse trecho, do conto “É duro ser baixinho”, incluído no livro “Danico pé-de-vento”, de Isabel Vieira, o narrador começa a história com uma série de adjetivos “Baixinho é bom porque você leva no bolso” ou “amostra”, “gnomo”, “degrau”, “mascote” que, por meio da comparação implícita e baseada no conhecimento de mundo do leitor, remetem à ideia de que Daniel, a personagem de que trata o texto, é uma criança de baixa estatura.

A descrição facilita o entendimento da narrativa e, nesse trecho do conto, ressalta uma única característica por meio de vários adjetivos que são sinônimos de baixinho. É fácil, mesmo para as crianças leitoras desse livro infantil, concluir que Daniel é mais baixo que seus coleguinhos de turma.

Observa-se que a própria personagem também faz uso da descrição para desacreditar seus colegas de escola “Que gente mais sem imaginação!” e pode ser localizada dentro da sala de aula “sexta fileira, onde se sentava”.

Nessa narração, portanto, destaca-se a descrição como importante meio para descrever personagens (principal e secundárias) e localizá-las dentro do lugar onde ocorrem as ações narradas.

4.2.2 Visualizando uma paisagem

Chegariam a uma terra distante, esqueceriam a caatinga onde havia montes baixos, cascalho, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo. Não voltariam nunca mais, resistiriam à saudade que ataca os sertanejos na mata. (RAMOS, 2005, p. 123)

Nesse trecho de “Vidas secas”, de Graciliano Ramos, é possível ao leitor fazer uso de sua imaginação criadora para visualizar uma paisagem.

O autor proporciona ao leitor a exata noção da “caatinga onde havia montes baixos, cascalho, rios secos, espinho, urubus, bichos morrendo, gente morrendo.”

Essa é uma descrição simples, mas que enfatiza tanto aspectos geográficos quanto sociais.

4.2.3 Filmando cenas

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo não os olhos, mas sua infinidade de portas e janelas alinhadas. Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada, sete horas de chumbo. [...] das portas saíam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro do café aquecia, suplantando todos os outros; [...] (AZEVEDO, 1997, p. 35)

Nesse trecho da obra “O cortiço”, Aluísio Azevedo descreve como é o amanhecer nesse ambiente personificado pelo autor, enumerando várias ações que ocorrem num mesmo momento.

O autor utiliza a técnica da filmagem para descrever a cena e proporciona ao leitor a sensação de estar sentado no sofá de casa, em frente à televisão, assistindo a uma novela ou filme.

A visão, a audição e o olfato são os sentidos explorados pelo autor para destacar as características que tornam “O cortiço” um lugar diferenciado e único: “das portas saíam cabeças congestionadas de sono; ouviam-se amplos bocejos, fortes como o marulhar das ondas; pigarreava-se grosso por toda parte; começavam as xícaras a tilintar; o cheiro do café aquecia, suplantando todos os outros”.

O padrão atual, por exemplo, berrava sem precisão. Quase nunca vinha à fazenda, só botava os pés nela para achar tudo ruim. O gado aumentava, o serviço ia bem, mas o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, desculpava-se e prometia emendar-se. Mentalmente jurava não emendar nada, porque estava tudo em ordem, e o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida? (RAMOS, 2005, p. 87)

Nesse trecho da obra “Vidas secas”, de Graciliano Ramos, observa-se a descrição de dois mundos diferentes: o mundo de Fabiano e o mundo composto pela sociedade.

Do primeiro fazem parte Fabiano e sua família (Sinhá Vitória, o menino mais velho, o menino mais novo, Baleia e o papagaio). Do segundo fazem parte seu Tomás da Bolandeira, o patrão de Fabiano e o soldado amarelo.

Observa-se que as personagens de ambos os grupos vivem na mesma região e sofrem com as mesmas agruras provocadas pela mesma seca. Por que não foge dela o patrão de Fabiano? Porque é ele que emprega os trabalhadores segundo suas próprias leis e faz deles meros escravos sem o mínimo direito a uma vida digna e independente.

O escritor faz uso dos verbos no pretérito imperfeito do indicativo, “berrava”, “vinha”, “botava”, “aumentava”, “ia”, “ouvia”, “desculpava-se”, “jurava” e “estava”; para inserir na narrativa a descrição de ações em sequência. São várias cenas apresentadas ao leitor que, ao usar a imaginação, tem a impressão não de ler, mas de assistir às cenas descritas.

4.3 A DESCRIÇÃO INSERIDA NA ARGUMENTAÇÃO

A descrição exerce uma função importante na argumentação porque, ao destacar certas características e/ou detalhes, o autor impõe um ponto de vista e, dessa forma, orienta o raciocínio do leitor/ouvinte para uma determinada conclusão.

Por isso, a descrição é um poderoso instrumento argumentativo. O emissor, utilizando-se de uma técnica descritiva adequada, realçando aspectos positivos ou negativos em relação ao objeto, paisagem, personagem ou fato descrito, pode persuadir o interlocutor a concordar com a ideia final do texto.

4.3.1 Descrevendo para convencer

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras
Mulheres entre laranjeiras
Pomar; amor; cantar.

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.

Êta vida besta, meu Deus!

(ANDRADE, 1987, p. 21)

Esse poema de Carlos Drummond de Andrade é um texto descritivo, de caráter argumentativo, que dá uma visão negativa sobre o tipo de vida que se leva nessa “Cidadezinha qualquer”. Ou seja, esse texto é parte da argumentação implícita que o poeta utiliza para nos direcionar a uma interpretação de que a vida que se leva em cidade pequena não é boa.

Drummond situa o leitor ao usar os termos “bananeiras” e “laranjeiras”, pois eles remetem ao interior. Nos grandes centros, quase não se veem mais árvores frutíferas nos quintais das casas.

Para enfatizar a ideia de lentidão, de que o progresso é lento, o poeta emprega repetidas vezes a expressão “vai devagar”. Dessa forma, reforça a tese de que há uma continuidade sem pressa, sem perspectiva de evolução.

No último verso, “Êta vida besta, meu Deus!”, o poeta demonstra toda a sua insatisfação com a vida monótona que se leva na “Cidadezinha”.

4.3.2 Comparando para persuadir

Convite

Poesia
é brincar com as palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.

Só que
bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras, não:
quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

(PAES, 1990, p. 18)

O poeta descreve a poesia nos dois primeiros versos de “Convite”: “Poesia / é brincar com as palavras / [...]” e, a seguir, compara com outros tipos de brincadeiras: “[...] / como se brinca / com bola, papagaio, pião. / [...]”

Por meio de comparações, ele procura convencer o leitor de que há vantagens em brincar de poesia. Ao brincar, o desgaste dos brinquedos “bola, papagaio, pião” é inevitável. Mas esse desgaste não ocorre com as palavras. Elas não se gastam. Ao contrário, quanto mais utilizamo-nos delas para “brincar”, mais novas ficam: “[...] / Só que / bola, papagaio, pião / de tanto brincar / se gastam. / As palavras, não: / quanto mais se brinca / com elas / mais novas ficam. / [...]”

O autor ainda compara as palavras com a água do rio e com cada dia que nasce, pois são sempre novos.

João Paulo Paes, com base nas descrições feitas por meio de comparações, que lhe servem de argumento, tenta convencer o leitor, principalmente, as crianças, uma vez que esse poema faz parte de um livro didático de 4ª série; de que a poesia é boa e pode fazer parte da vida delas e aproveita para, no último verso do poema, fazer um convite irrecusável “Vamos brincar de poesia?”.

4.3.3 Sensações como argumentos

Segunda Canção do Beco

Teu corpo moreno
É da cor da praia.
Deve ter o cheiro
Da areia da praia.

Deve ter o cheiro
Que tem ao mormaço
A areia da praia.

Teu corpo moreno
Deve ter o gosto
De fruta da praia.
Deve ter o travo
Deve ter a cica
Dos cajus da praia.

Não sei, não sei, mas
Uma coisa me diz
Que o teu corpo magro
Nunca foi feliz.

(BANDEIRA, 1996, p. 338)

No poema “Segunda Canção do Beco”, Manuel Bandeira descreve o “Teu corpo moreno [...]” por meio da visão “[...] / É da cor da praia. / [...]”; imagina como é o cheiro que tem “[...] / Deve ter o cheiro / Da areia da praia. / Deve ter o cheiro / Que tem ao mormaço / A areia da praia. / [...]”; e pressupõe o gosto que talvez tenha esse corpo moreno “[...] / Deve ter o gosto / De fruta da praia. / [...]”.

O poeta, com base nas sensações conclui, de forma inesperada, que o “Teu corpo moreno” descrito, com base nos sentidos: visão, olfato e paladar; nunca foi feliz “[...] Não sei, não sei, mas / Uma coisa me diz / Que o teu corpo magro / Nunca foi feliz.”

A descrição que Manuel Bandeira faz do “Teu corpo Moreno” nos leva a crer que a cor é feia, o gosto é ruim e o cheiro é horrível. Os versos servem de argumentos para que, ao final, o poeta conclua que aquele corpo “moreno e magro” jamais tenha sido feliz.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao final deste trabalho, conclui-se que a descrição é essencial para a humanidade. Por meio dela, pode-se criar ou recriar o mundo.

Para obter-se uma boa descrição e atingir à finalidade a que se propõe, é muito importante que o emissor de uma mensagem escolha uma técnica descritiva adequada.

Comprova-se, neste trabalho, que o modo descritivo de organização do discurso é utilizado, na descrição pura, como caracterizador simplesmente, ou seja, nomeia, identifica, localiza, situa e qualifica; serve para introduzir elementos (personagens, ambientes, sequência de cenas, etc.) que ajudam a criar um contexto bem definido e verossímil, na narração; ou de argumento em textos argumentativos.

Portanto, é imprescindível valorizar esse modo de organização do discurso, pois ele é a maneira mais natural de produzir um texto. O ser humano já nasce com a capacidade de descrever. Os elementos vitais da sensibilidade (visão, tato, audição, paladar e olfato) e a imaginação criadora propiciam a percepção das coisas

do mundo que se traduzem em formas, cores, texturas, cheiros, sonoridades; e possibilitam tornar verossímil o abstrato, o não concreto, o incerto, o irreal.

Em síntese, é preciso priorizar o estudo da descrição como modo de organização do discurso essencial para a obtenção de conhecimento de mundo e para a realização de uma comunicação precisa e eficaz, pois ela está, implícita ou explicitamente, em todos os outros modos de organizar do discurso.

Este poema de Alberto Caeiro³ corrobora a ideia sintetizada neste estudo: tudo o que existe de concreto ou abstrato nos é apresentado por meio das sensações e/ou da imaginação criadora do homem.

O Guardador de Rebanhos

IX

SOU UM guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto,
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

(PESSOA, 1998, p. 27)

Se o ser humano “pensa o mundo” e o torna explícito por meio da descrição, é coerente que esse modo de organizar o discurso seja trabalhado de forma mais privilegiada e enfática na educação básica, principalmente, nas séries iniciais. Em consequência disso, poderemos transformar nossos alunos em leitores competentes, bons narradores e argumentadores.

Demonstrada a importância da descrição para a realização de uma boa comunicação, sugere-se ampliar os estudos sobre esse modo de organização do discurso, em virtude de a literatura sobre o assunto ser pequena, diante da relevância que tem para o ser humano (descritor, narrador/contador de histórias e

argumentador), enquanto sujeito-autor da construção do conhecimento, capaz de apropriar-se da cultura humana.

THE DESCRIPTION AS FUNDAMENTAL TOOL FOR A GOOD COMMUNICATION

ABSTRACT

The description is one of the main modes of organization of the discourse, because it is through her that the fundamental basis is acquired to use other forms to organize the writing of a text. The description allows for the possibility that people have individual and the particular notion about themselves and about everything that surrounds them. It is emphasized that the construction of the images that constitute the world in which we live occurs through the five senses (sight, hearing, smell, taste and touch) and of the creative imagination of the human. Explain all these aspects fomented the elaboration of this study that aims to demonstrate the importance of description as fundamental tool for good communication. For this, the bibliographic research of qualitative nature was used as methodology in this work that is characterized as an exploratory study. Of the theoretical referential that support the work, it should be emphasized that the description is the most natural way in humans to produce a text because the instruments of the description, ie, the human senses, are already in us and are vital elements of our sensitivity. (AMARAL; ANTÔNIO; PATROCÍNIO, 2001). In this study, by analysis of various types of text, descriptive techniques and forms of influence exercised by the description in the modes of organization of the narrative discourse and argumentative are identified. In synthesis, it is need to prioritize the study of the description as mode of organization of the discourse essential to obtain knowledge of world and for the realization of an accurate and effective communication.

Keywords: Description. Five senses. Creative imagination.

NOTAS

- ¹ Licenciado em Letras pela URCAMP. Especialista em Língua Portuguesa – Visão Discursiva pela UFRJ. Especialista em Língua Portuguesa pela UCB. Aluno do Curso de Especialização em Gestão Educacional da UFSM, RS, Brasil.
- ² Os grifos na citação de Infante (2006, p. 136) são do autor do livro.
- ³ Alberto Caeiro (1889 a 1915) é um dos heterônimos de Fernando Pessoa. “Escreve com a linguagem simples e o vocabulário limitado de um poeta camponês pouco ilustrado. Pratica o realismo sensorial, em uma atitude de rejeição à linguagem sugestiva e à construção de imagens vagas da poesia simbolista.” (PESSOA, 1998, p. 184)

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Emília; ANTÔNIO, Severino; PATROCÍNIO, Mauro Ferreira do. *Redação Gramática Literatura Interpretação de Texto*. Edição Integral. São Paulo: Nova Cultural, 2001. (Novo Manual Nova Cultural).
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- ANDRADE, Mário de. *Contos novos*. Estudo e edição revista por Maria Célia de Almeida Paulillo. 15. ed. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Vila Rica, 1993.
- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 31. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Bom Livro).
- BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*, volume único. Organização do autor. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996. (Biblioteca Luso-brasileira; Série brasileira).
- FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. *Dicionário Brasileiro Globo*. 30. ed. São Paulo: Globo, 1993.
- FERNANDES, Sérgio Brasil. *A descrição como ferramenta fundamental para uma boa comunicação*. Apresentação de trabalho no V Colóquio Nacional Leitura e Cognição. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2011.
- GARCIA, Othon Moacyr. *Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar*. 21. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

INFANTE, Ulisses. *Do texto ao texto: curso prático de leitura e redação*. 6. ed. São Paulo: Scipione, 2006.

MARCHIONI, Rubens. *Criatividade e redação*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

MARTINS, Dileta Silveira; ZILBERKNOP, Lúbia Scliar. *Português instrumental*. 19. ed. Porto Alegre: Sagra – DC Luzzatto, 1997.

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*, volume único. Organização e preparação do texto de Luciana Stegagno Piccho. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (Biblioteca Luso-brasileira; Série brasileira).

PAES, José Paulo. *Poemas para brincar*. 1. ed. São Paulo: Ática, 1990.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. *A descrição*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ/CEP, 2001.

PEREIRA, Cilene da Cunha; PINILLA, Maria da Aparecida Meireles de. *Gêneros textuais e modos de organização do discurso*. Rio de Janeiro: UCB/CEP, 2007.

PESSOA, Fernando. *Poemas escolhidos*. Seleção e organização de Frederico Barbosa. 1. ed. Porto Alegre: Click Editora, 1998. (BibliotecaZH98)

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Posfácio de Marilene Felinto. 98. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

VIEIRA, Isabel. *Danico pé-de-vento*. Ilustrações de Avelino Guedes. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2002. (Coleção girassol).

Recebido: 30 de setembro de 2011
Aprovado: 12 de novembro de 2011
Contato:sergiohaiti33@hotmail.com